

Editorial

Marcel Santiago Soares¹

É com enorme prazer que mais um número da Clínica & Cultura é lançado, atingindo seu nono volume e marcando 10 anos desde seu início, quando foi imaginada por atores acadêmicos do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social da Universidade Federal de Sergipe (atualmente, Programa de Pós-Graduação em Psicologia – UFS). Situando-se no interstício entre Indivíduo e Sociedade, e privilegiando uma chave de leitura clínica, a revista contribuiu durante todo esse tempo para a difusão do pensamento crítico, ao participar dos debates que atravessam a vida do povo brasileiro. Nesse período vimos, com alegria, o interesse nos trabalhos depositados em nossa confiança crescer gradativamente. Prova disso é elevação de nosso Qualis para B1, na última avaliação realizada pela CAPES, como também a inserção da revista em maiores bases de dados, como a PEPSIC.

Ressalto estes pontos porque o interregno entre Maio de 2021, momento em que nosso último número foi publicado, e abril de 2023, data do presente lançamento desta edição, foi absolutamente fora do habitual. Um vazio assim deve ser lido a partir de duas linhas de força: em primeiro lugar, denota o quanto o fazer editorial é um trabalho que raramente é computado enquanto atividade laboral, de modo que se faz em momentos de férias ou fim de semana, sequestrando a energia necessária para materializar outros elementos da vida. Talvez seja o caso de confessarmos e refletirmos como a racionalidade neoliberal também se faz presente nos espaços que lhes são críticos. No entanto, há uma segunda força operando, aquela movida pelo desejo e pelo imperativo de abrir sendas onde o pensamento possa ser compartilhado, derivando daí a persistência e permanência. Duas forças que se chocam, portanto, e uma tensão como essa, dado seu custo, nem sempre resulta em produções materiais, como pudemos testemunhar pelo fechamento de importantes periódicos em nosso país nos últimos anos. Se somarmos a isso o

¹ Psicólogo e Psicanalista. Mestre em Psicologia Social pela Universidade Federal de Sergipe e doutorando do Programa de Pós-Graduação em Teoria Psicanalítica da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Atualmente professor do Centro Universitário Estácio de Sergipe

horizonte de expectativas decrescentes que nos assombra nessa quadra do tempo, talvez possamos explicar, em parte, o hiato entre 2021 e 2023.

Ainda assim, seguimos. E este mesmo espírito crítico está presente no conjunto de artigos e ensaios publicados que, agora, esta edição da Clínica & Cultura torna pública.

Abrimos este volume com o importante trabalho “*Disfórico é você!*” de Silvia Lippi e Patrice Maniglier, na belíssima tradução de Marcela Maria Azevedo. A partir da análise do filme *Pequena Garota de Sébastien* Lifshitz, e de sua recepção, autora e autor tornam Sasha uma espécie de “silencioso Virgílio”, guiando-se pelo discurso da medicina sobre a disforia de gênero e as consequências éticas – mas, que para a medicina é ortopédica - que visam consertar um “corpo ruim”. Em conjunto com esse argumento está a crítica a tradição de certa psicanálise não se afetam pela crítica *queer*, pois acreditam serem subversivos antes de qualquer militante trans, ao tomarem as proposições da não coincidência entre sexo e gênero. Assim é que deixam exposto o nervo central dessa problemática: não mais os saberes psi questionar a validade e a legitimidade das transidentidades, mas que a experiência trans interroga os saberes psi sobre suas práticas e opções teóricas.

Talvez seja oportuno ler o primeiro ensaio em conjunto com o trabalho de Ísis Vasconcelos, intitulado, “*Um percurso pelas propostas para mudança de orientação homossexual: intervenções e impasses*”. Aqui a autora realiza um importante trabalho de mapeamento das propostas de intervenção oferecidas por psicólogos e médicos ao longo do século XX, em especial a partir da sua segunda metade. Sua revisão, além de ser um apanhado das práticas, faz saltar aos olhos, através das teorias e conceitos pelo qual tais intervenções se sustentam, o fundo moral e ético que as subjaz. Por exemplo, é em defesa da autodeterminação da orientação sexual que essas práticas outorgam sua legitimidade, de modo que seus autores não reconhecem qualquer conflito ético, desde que a pessoa que os procure anuncie desordem com a orientação sexual. Vasconcelos analisa ainda quem é o público que busca essas terapias, e conclui com a importante pergunta: a quem servem as terapias de mudança da orientação homossexual?

Em “*Considerações psicanalíticas sobre a solidão: do desamparo ao significante*”, acompanhamos Isabel Fortes e Flávia Hasky em sua investigação sobre a solidão, tratando-a como fenômeno que tem o estatuto de epidemia em nossa época. O trabalho tenta ressoar no discurso freudiano e lacaniano noções que reverberem a solidão, como forma de apreender a primeira a partir das notas dos segundos. É nessa chave que a solidão é vista como fenômeno

multifacetado e estrutural, e nisso reconhecemos a ideia de desamparo originário, tal como apresentada por Freud no *Projeto para uma Psicologia Científica* em 1895; a variabilidade de objetos da pulsão, indicando que não há um objeto que vai realmente se encaixar em nossa história, preenchendo-a; ou a solidão do sujeito barrado, em uma perspectiva linguística própria do ensino de Lacan. Saltará aos olhos dos leitores a preocupação das autoras com a temática, especialmente pelo que ela faz brotar: a solidão só pode ser sentida por quem já teve a presença do outro. Nessa senda, estrutural e fundante, brota a necessidade de fazer laço com o outro.

Pensando o lugar do outro, o analista, Guilherme Oliver da Silva e Marta D'Argord, propõem um estudo sobre as vicissitudes da posição do analista em “*A posição do analista e a escuta-leitura do significante*”. Para tanto os autores partem do princípio de similitude entre a escuta analítica e a leitura de um texto, de modo que este mesmo texto analítico muda conforme a posição que o analista se coloque na escuta. Aqui, nossos autores privilegiam a transliteração na clínica analítica, em detrimento da transcrição ou tradução do que se passa na sessão. Tal operação tem o ganho de sustentar um “não saber” que produz o desejo de análise, e é, em si, uma intervenção.

Também tomando a experiência estética como paradigma, mas de outra forma, Luísa Raña e Marcos Brunhari, questionam sobre o inescrutável na arte e seus desdobramentos no que diz respeito ao desejo. Caminhando pelas principais noções que tangem o estético, especialmente a noção de *unheimlich*, aqui traduzida como infamiliar, além de cenas da literatura do horror, os autores desejam apontar sobre as consequências do retorno daquilo que causa estranhamento. A aposta, então é que a arte possa fazer furo ao império do consumo pelo consumo, ou, tal como nomeado por Lacan, o discurso do capitalista. Nisso, infamiliar e a pulsão de morte são os operadores que possibilitam a construção de laço social justamente porque algo escapa que é inescrutável.

Seguindo o princípio de pluralidade, fechamos essa sessão com o artigo “*Mindfulness, meditação e regulação emocional: perspectivas e achados empíricos*” que se debruça sobre o *mindfulness*, técnica de meditação adaptada para os padrões de vida ocidental. O interesse sobre a diversidade de técnicas de regulação emocional tem se destacado de maneira inconteste nos últimos tempos, o que torna importante para aqueles que desejam entender as perspectivas e os achados empíricos desse manejo. As autoras e autor salientam como o *mindfulness* trabalha na regulação das emoções a partir do redirecionamento do foco, o que, poderia indicar novo campo de científico.

Na seção “Artigos: Relato de Pesquisa”, Fernanda da Silva Von Porster e Rose Gurski tornam público alguns achados da pesquisa de mestrado conduzida em um Serviço de Proteção Social no acompanhamento de adolescentes em medida socioeducativa. As autoras levantam questionamento sobre a escuta nesse contexto, problematizando, de um lado, o modo como a sociedade vem lidando com os atos violentos dos jovens, de outro, a questão sobre se há espaço de fala implicada do sujeito na execução da Liberdade Assistida. Nesse diapasão é que podem enunciar que “quando os adolescentes narram a si mesmos, lançam uma luz também sobre a realidade da qual falam”, ato contínuo, reconhecer a dimensão simbólica que a palavra sustenta quando circula.

Fechamos nossa edição com a resenha do livro “*E se parássemos de sobreviver? Pequeno livro para pensar e agir contra a ditadura do tempo*”, sob a pena de Danielle de Gois Santos Caldeira. A autora encontra na obra de André Barata um convite a construção de estratégias a fim de romper com a naturalização do tempo. Trata-se de furar a atmosfera de inércia que retém mulheres e homens em ciclos repetitivos de sofrimento por não se ajustarem e não cessarem as exigências de produtividade e de uma idealidade não alcançável. A reflexão de Barata, segundo Caldeira, é a de nos reconectar com o tempo e com o que nos transforma, sob o risco de seguirmos com nossa passividade.

O editor deste período gostaria de agradecer publicamente a todas as autoras e autores que gentilmente compreenderam a longa espera por essa edição e, a despeito disso, decidiram manter o artigo conosco.

Um último agradecimento especial a Carmem Emanuela, cujo trabalho inestimável evitou que o barco fosse a deriva.

Um bom trabalho a todos, todas e todes.